

O CARÁTER MUTÁVEL DA OBRA DE ARTE: A MONA LISA SOB A PERSPECTIVA DO HISTORICISMO

The changing character of the work of art: the Mona Lisa from the perspective of historicism

Roney Jesus Ribeiro¹

Resumo: Neste artigo pretendemos explorar ideias concernentes ao historicismo, um conceito importante para a compreensão dos fatos históricos a partir da filosofia da história. O historicismo se constitui de um conjunto de doutrinas que não se limita a uma definição pronta e acabada. Há muitas maneiras de compreender essas doutrinas. Para a compreensão dessa perspectiva histórica, adotamos o método da interpretação artística, partindo da análise de Mona Lisa (1503), de Leonardo da Vinci, e releituras produzidas por artistas modernos e contemporâneos, inspiradas na obra citada. Objetivamos, com este artigo, investigar o caráter mutável da obra de arte sob a perspectiva do historicismo. Como a obra de arte é um circuito aberto, ela está sujeita a ressignificações a cada momento histórico. Nesse sentido, o historicismo, doutrina filosófica, pode contribuir para compreensão dos sentidos da obra de arte no decorrer do tempo.

Palavras-chave: historicismo. Mona Lisa. obra de arte. releitura.

Abstract: *In this article we intend to explore ideas concerning historicism, an important concept for understanding historical facts from the philosophy of history. Historicism is made up of a set of doctrines that is not limited to a ready-made definition. There are many ways to understand these doctrines. To understand this historical perspective, we adopted the method of artistic interpretation, starting from the analysis of Mona Lisa (1503), by Leonardo da Vinci and reinterpretations produced by modern and contemporary artists inspired by the work. With this article, we aim to investigate the changing character of the work of art from the perspective of historicism. As the work of art is an open circuit, it is subject to resignifications at each historical moment. In this sense, historicism, a philosophical doctrine, can contribute to understanding the meanings of a work of art over time.*

Keywords: *historicism; Mona Lisa; work of art; rereading.*

¹ Doutorando em Ciências da Educação - USC; Mestrando em Artes (Teoria e História da Arte) - Ufes; Mestre em Ciências da Educação - UA/UFRJ; Especialista em Literatura, Cultura e Arte - FACEC e em Educação, Pobreza e Desigualdade Social - Ufes; Graduado em Artes Visuais - UNIMES; em Letras (português, espanhol e inglês) - FACIASC e em Pedagogia - FATE. Professor nas áreas de Letras e Artes.

Introdução

O presente estudo surgiu do interesse em explorar algumas ideias concernentes ao historicismo. Nosso interesse por esse assunto se deu por sabermos que o conceito é de grande importância para nossa compreensão de alguns fatos históricos, a partir de uma reflexão em torno da filosofia da história. Por sermos seres em constante mudança e transformação, não podemos nos desvincular do historicismo. Essa perspectiva nos ajuda a reconstruir os acontecimentos históricos, desmistificando cada fato e nossos feitos.

O historicismo constitui um conjunto de doutrinas que não se limita a uma definição pronta e acabada. Por isso, há muitas maneiras de tentar compreender esse conjunto de doutrinas ou fenômenos. A maneira que adotamos para compreender essa perspectiva histórica se dá por via da interpretação artística, tendo como foco principal *Mona Lisa* (1503), de Leonardo da Vinci, e algumas, entre as milhões de releituras, versões realizadas por artistas modernos e contemporâneos, nela inspiradas. A escolha por trabalhar com esse enfoque se deu por nossa afinidade com temáticas concernentes a relação de gênero, nacionalidade, etnia, política e religião sempre pareceram ter algum impacto sobre o significado da arte. “As pessoas debatem durante séculos sobre o significado de algumas obras de arte – por exemplo, o sorriso de *Mona Lisa*. A arte carrega uma mensagem da mesma maneira que a língua?” (Freeland, 2019, p. 25).

Mesmo que as imagens e as palavras percorram caminhos distintos para se realizarem no mundo real, elas transmitem a mesma mensagem. A língua como código escrito oferece muitas formas de interpretação de uma mensagem. Diferente dessa, a imagem exigirá um exercício maior por parte do espectador. Para a estética da recepção, ao entrar em contato com algum signo verbal ou visual o leitor, ou espectador, imediatamente estabelecerá uma relação de interação com essa representação (Iser, 1996). Nesse processo de interação, o leitor, ou espectador, poderá agregar novos sentidos

e interpretações à obra observada ou ao texto lido. Isso ocorre porque a arte não é estática e, graças às contribuições do historicismo, as obras podem ser deslocadas dos contextos e épocas em que foram produzidas, e gerar novas interpretações, leituras e significações.

O historicismo pode ser compreendido como um conjunto de doutrinas de cunho filosóficas que objetivam fazer da história um princípio explicativo da conduta, valores e dos elementos constitutivos das artes, da filosofia, da religião e da cultura humana, ou humanidades. Assim, podemos dizer que o historicismo constitui a base de uma visão moderna e ocidental de mundo. Essa visão se fundamenta no pensamento de que as configurações do mundo são resultado de um processo histórico, que são passíveis de reconstrução mental e assim compreendidos. Tomando por base tais colocações sobre o historicismo, nosso estudo se construirá na tentativa de responder ao seguinte questionamento: a obra de arte é um circuito fechado ou está sujeita a mudanças? A obra arte pode ser ressignificada a cada momento histórico? Em que sentido o historicismo pode contribuir para compreensão da arte como dispositivo de representação social?

O caráter mutável da obra de arte

O historicismo, como perspectiva que constitui a base de configuração de uma visão moderna e ocidental de mundo, contribuirá significativamente para nossas interpretações da arte e suas ressignificações, como resultado de um processo social e histórico. Tomaz Tassis (2018, p.17) defende a ideia segundo a qual “a história seria o campo último das possibilidades humanas”. Diferente do que foi colocado, acreditamos que a história seja um dos principais campos que envolvem as possibilidades humanas, já que tal área é capaz registrar o passado e, em algumas situações, nos dá condições de ressignificá-lo no presente.

Em uma passagem de “Grande Sertão: Veredas”, Guimarães Rosa (*apud*

Carvalho; Mendes; Ramalho, 2018, p. 11) afirmou “que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam”. O pensamento de Rosa se embasa na ideia de que o “ser humano é, fundamentalmente, estar numa condição de inacabamento e indeterminação, de tal maneira que o vir a ser conforma uma dimensão essencial de sua própria realização” (Ibid). As pessoas e as coisas mudam diariamente. As pessoas se transformam e as coisas são reinterpretadas a todo o momento. O mesmo ocorre com as obras e os objetos de arte.

Isso ocorre, pois, a obra de arte é um circuito aberto e, assim como o ser humano, ela é inacabada e sujeita a mutações, a novos sentidos e reinterpretações. Diante de uma obra, o observador tem a liberdade de reinterpretá-la e agregar novos sentidos. O artista, ao produzir uma obra e exibí-la publicamente, oferece, ao espectador, a oportunidade de realizar sua leitura e atribuir novos sentidos a sua arte. Quando postas à contemplação, as obras de arte, naturalmente, abrem-se ao olhar curioso dos espectadores. Por isso, em contato com uma obra, o público estabelece o que a estética da recepção chama de relação de interação. Esse processo é o que possibilitará ao espectador atribuir novos sentidos a suas interpretações de uma obra de arte que viu.

A Mona Lisa, de Leonardo da Vinci, sob a perspectiva do

historicismo

A obra arte é um dispositivo cultural sujeito à mutação e ressignificação a cada momento histórico. Como discutido, isso ocorre porque a obra de arte não é fechada. Ela está sempre sujeita a novos sentidos, ao passar pelo processo de interação (Iser, 1979). Essa interação pode ser estabelecida a partir do olhar de um simples apreciador de arte ou até mesmo por meio do observador mais entendido no assunto. Segundo Carol Strickland (2004, p.

34), a Mona Lisa “incorpora todas as descobertas renascentistas de perspectiva, anatomia e composição”.

Pela grande importância de Mona Lisa (Figura 1) na história da arte mundial, a seguir, nos embasaremos nela para tentar explicar que a arte está sujeita a mutações e novas interpretações. Para explicitar esse processo, nos embasaremos nas contribuições do historicismo.

Dentre as obras de Leonardo da Vinci, Mona Lisa pode ser vista como a mais notável e mundialmente conhecida. A obra citada é, provavelmente, o retrato mais famoso de que temos conhecimento na história da arte e o quadro mais valioso do mundo. Esta obra do Renascimento Italiano apresenta aspectos característicos, que despertaram a atenção de muitos críticos, teóricos, estetas e historiadores da arte. Além do olhar profundo, penetrante e enigmático, a técnica de *sfumato*, utilizada na composição da paisagem ao fundo e a forma de criação e imitação da natureza (Schwanitz, 2007), o misterioso e polêmico sorriso que atrai olhares curiosos, são alguns dos aspectos característicos, que conferem grande importância e mistério na referida obra.

Essas mesmas características são alguns dos pontos que atraíram atenção e levaram muitos artistas a criarem suas leituras particulares, ressignificando a Mona Lisa davinciana. Além disso, a grande importância e beleza da obra inspirou estudos por parte da crítica de arte. Esse fato também despertou o interesse por parte de muitos artistas. Surgiram versões modernas e contemporâneas, trazendo consigo novas leituras e significações acerca da obra em questão.

A releitura mais conhecida de que temos informação é “L.H.O.O.Q.” (Figura 2), que foi produzida em 1919, por Marcel Duchamp (1887-1968), que, nas palavras de Lúcio Agra (2004, p. 63), é um dos artistas do Dadaísmo “que soube tirar proveito da nova estética, tornando-a estímulo para a fermentação de um estilo próprio”.

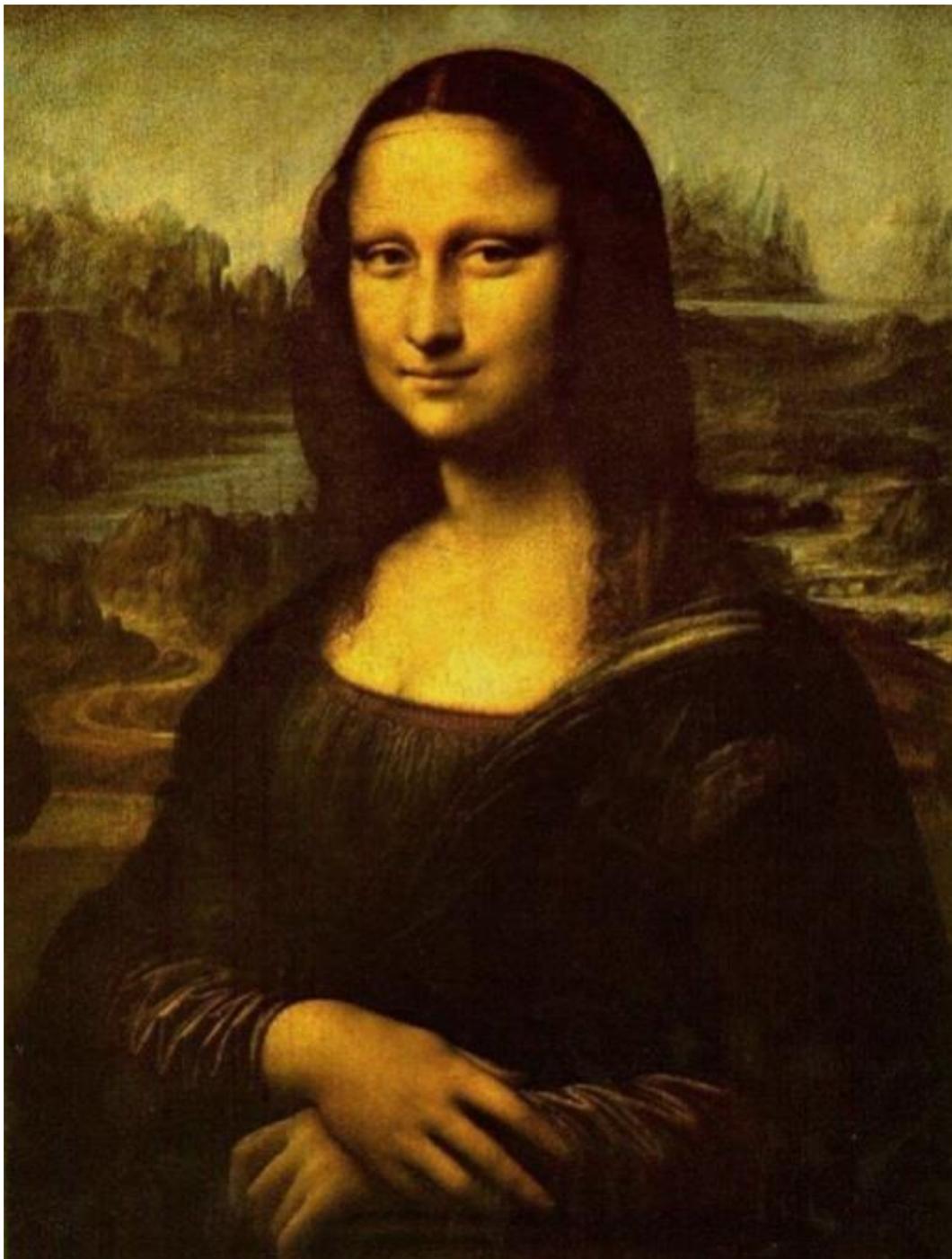


Figura 1: Mona Lisa, Leonardo da Vinci, 1503. Museu do Louvre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mona_Lisa>. Acesso em: 14 jul. 2023. Retrato de mulher em tons de ocre, verde e preto de mulher branca de cabelos longos com vestido e manta escuros, colo à mostra, mãos soltas e cruzadas diante de corpo, ereta, com paisagem ao fundo. A mulher olha na direção de quem observe e sua expressão calma parece esboçar um ligeiro sorriso.

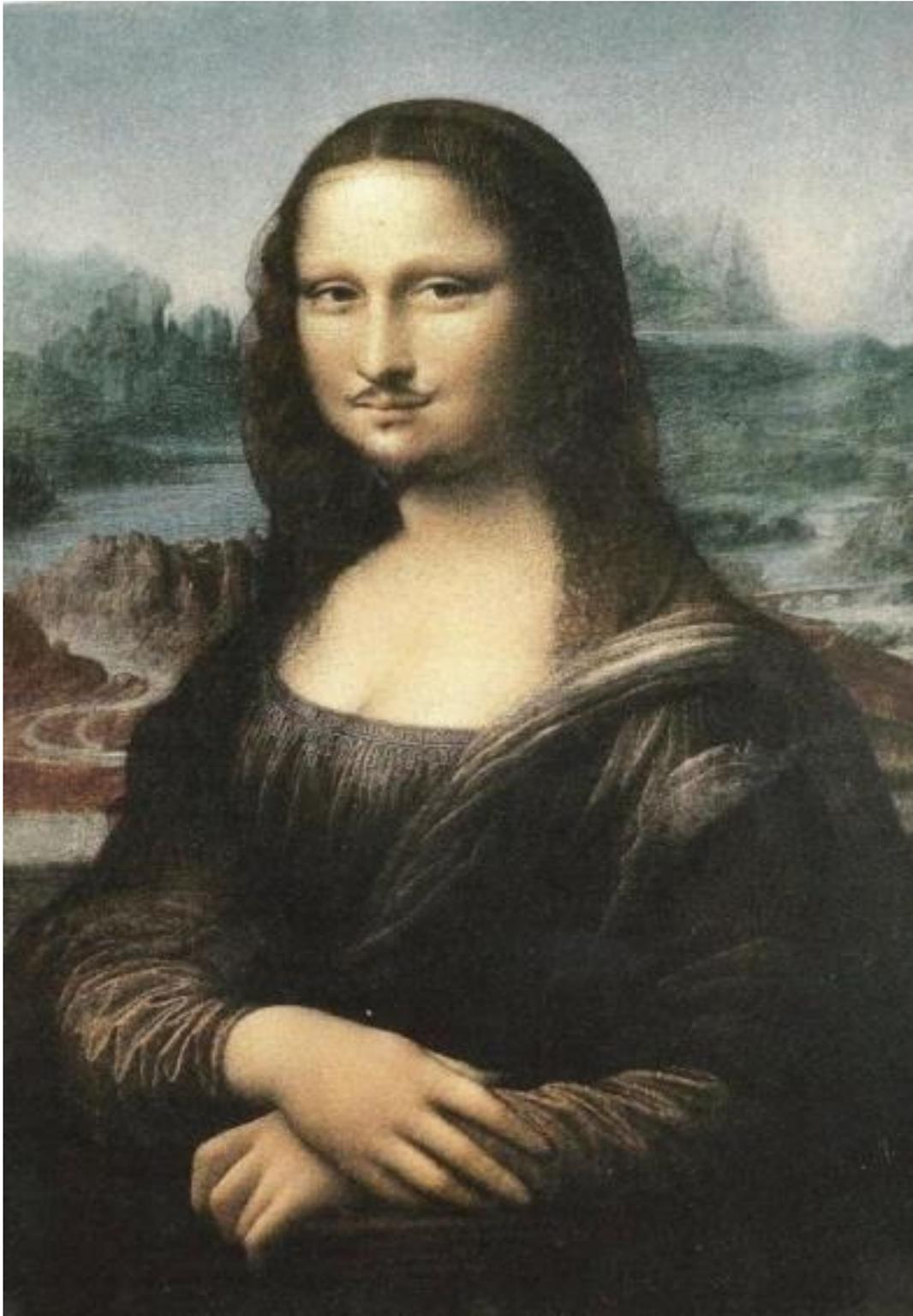


Figura 2: L.H.O.O.Q., Marcel Duchamp, 1919. Centro Georges Pompidou. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/L.H.O.O.Q.>>. Acesso em: 14 jul. 2023. Da imagem anterior, modificam-se os tons, que ficam mais claros e com maior contraste, e acrescenta-se finos bigode e cavanhaque.

Intitulada por "L.H.O.O.Q.", a obra é uma das produções que Marcel Duchamp chamou de *ready made*. Em sua produção artística "Duchamp utilizou técnicas mistas, produzindo efeitos de absurdo e ilusionista" (Agra, 2004, p. 64). A modalidade de produção artística desenvolvida por Duchamp se constituía no uso de objetos convencionais do cotidiano e, muitas vezes, utilitários (que não tinha valor artístico), transformando-os ou modificando-os para objetos de arte. Às vezes, o artista não chegava a modificar esses objetos,² assinava sua autoria neles e os inseria na galeria. "A ideia do *ready made* tinha alguns pontos em comum com a noção de apropriação característica da colagem, mas, ao mesmo tempo, buscava objetos que não pudessem despertar o menor interesse artístico" (Agra, 2004, p. 64) como forma de ataque aos elementos constituintes da arte tradicional. Ao se apropriar da obra de Leonardo da Vinci, Duchamp agrega a ela novos significações e comprova a mutabilidade da obra de arte.

Os *ready made* de Duchamp "fizeram uso da postura antiestética do Dadá para questionar a própria natureza do signo artístico" (Idib). Como é possível observar no trabalho de Duchamp, o objeto encontrado é uma reprodução de Mona Lisa de da Vinci. Em sua versão, Duchamp acrescentou características simples, como o bigode e a barba, que foram feitos à lápis. Em seguida, acrescentou o título "L.H.O.O.Q.", que é uma sigla da frase no francês *Elle a chaud au cul*, que cuja tradução para o português significa "Ela tem um rabo quente". Com isso Duchamp desloca a pintura de Leonardo da Vinci do contexto social e histórico do Renascimento para atribuir-lhe um novo sentido na modernidade. É graças as contribuições do historicismo que podemos lidar com a obra de arte e suas muitas possibilidades interpretativas. O processo de mutação pela qual a obras podem passar

² O caso mais conhecido se deu com a sua obra mais famosa Fonte (1917) que, é um urinol de porcelana branca que o artista comprou em uma loja de material de construção, assinou seu nome e o expôs em uma galeria. A Fonte (1917) é uma das obras mais representativas do Dadaísmo na França.

quando deslocadas do contexto em que foram produzida para outro é importante para que ela dialogue com novos momentos históricos e situações. Cabe ressaltar que a proposta da *ready made* de Duchamp também buscava a dessacralização da arte, deslocando a preocupação estética e contemplativa da obra (Ibid, p. 64-65).

Podem até existir outras releituras produzidas antes da feita por Dalí, no entanto, "Autorretrato como Mona Lisa" (1954), é a segunda releitura mais famosa de que temos conhecimento.

É possível observar que em "Autorretrato como Mona Lisa" (Figura 3), Dalí tenha se apropriado de ao menos três trabalhos. A principal dela é Mona Lisa de da Vinci. Supomos, também, que Dalí tenha se inspirado na *ready made* de Marcel Duchamp. Além disso, a obra de Dalí se constitui de uma apropriação de um registro fotográfico da Mona Lisa davinciana realizado por Philippe Halsman³ para o catálogo de uma exposição realizada no Museu de Arte da Filadélfia, nos Estados Unidos.

Alguns detalhes do autorretrato de Dalí chamam a atenção do espectador curioso. Além de modificar traços do rosto, Dalí apresenta outro elemento que desloca a obra daviciniana para o contexto do surrealismo. A mão esquerda da figura feminina de foi alterada com objetos para conferir contornos mais surrealistas. A obra citada e outros trabalhos de Dalí primavam por questões que enfocavam os processos mentais do inconsciente, característica que deslocava a atenção da preocupação com elementos estéticos e a contemplação da obra (Agra, 2004).

³Foi um renomado fotógrafo estadunidense que nasceu o ano de 1906 em Riga, então parte do Império Russo e que depois passou a pertencer a Letônia e, faleceu em Nova Iorque em 1979.



Figura 3: Autorretrato como Mona Lisa, Salvador Dalí, 1954. Fotografia de Philippe Halsman. Disponível em: <<https://www.conexaoparis.com.br/mona-lisa-e-suas-mil-versoes/>>. Acesso em: 15 jul. 2023. À imagem da primeira pintura, sobrepõe-se, no lugar do rosto original, o de Dalí, com um bigode longo e apontando para as laterais de seus olhos esbugalhados. A imagem está toda em preto, branco e tons de cinza.

De acordo com Gombrich (2013, p. 459), a maneira “como Dalí fazia com que cada forma representasse várias coisas ao mesmo tempo chama nossa atenção para o sem-número de possíveis de significados de cada cor e forma – assim como um bom trocadilho pode ajudar a revelar a função das palavras e seus significados”. Neste caso, o confronto travado entre o realismo da fotografia e a ressignificação proposta nas alterações realizadas no rosto e na mão de seu “Autorretrato como Mona Lisa” são elementos que dão ao espectador possibilidades de múltiplas leituras e interpretações da obra de arte. Assim, a obra de Dalí, mesmo sendo inspirada na Mona Lisa renascentista, é realizada no seio do Surrealismo e, por isso, absorve características de seu próprio tempo.

“Mona Lisa Colorida” (Figura 4), produzida em 1963, faz jus ao irreverente e colorido estilo de Warhol. A obra de Warhol (Figura 4) se destaca pelo recorte e pela repetição da figura em cores e tamanhos distintos. Já a repetição da Gioconda da parte inferior da tela nos remete a sequência de um negativo de filme fotográfico. Não podemos desconectar essa obra de seu contexto histórico. Suas cores e detalhes revelam o momento social e histórico em que foi constituída. Cabe ressaltar que ela foi produzida em um período de grandes transformações tecnológicas e da contribuição desses meios na produção artística; momento em que se discutia sobre o papel da mídia e da obra arte na era reprodutibilidade (Benjamin, 2019).

Segundo Moles (2005), os anos 1960 também foram marcados pela fotografia e pelas mídias, que exerceram grande influência no registro e na formação de um espaço urbano. A sociedade que produzia informações, há anos, era a mesma que passou a reproduzir milhões de imagens em longa escala por segundo. Isso comprova a superação do nível fordista que gerava imagens que alimentam e são alimentadas pela sociedade. Esse fato nos remete ao discurso de Guy Debord (1997, p. 19) no livro “Sociedade do Espetáculo”, ao afirmar que “o mundo real se converte em simples imagens, estas simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico”.



Figura 4: Mona Lisa Colorida, Andy Warhol, 1963. Courtesy Blum Helman Gallery. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Colored_Mona_Lisa>. Acesso em: 15 jul. 2023. Diversos recortes da Mona Lisa, impressos em monocromos de cian, magenta, amarelo e preto, organizados lado a lado de modo pouco ordenado, com algumas das impressões na horizontal.

O deslocamento de Mona Lisa para os anos de 1960, momento de superação do modernismo e da difusão da contemporaneidade, serve de uma significativa oportunidade para adensar reflexões sobre a instabilidade temporal e o caráter mutável da obra de arte. A reprodução repetitiva de Gioconda, em "Mona Lisa Colorida" não visa desmerecer a obra davinciana, mas atribuir novos sentidos a sua existência. A versão da Mona Lisa realizada por Warhol é uma reprodução da sociedade do espetáculo e uma tentativa de utilizar seu trabalho artístico para problematizar essa respectiva sociedade com bom-humor e uma exagerada dose de ironia.

Fernando Botero também realizou uma versão de Mona Lisa, que nos remete a temas sociopolíticos da sociedade contemporânea, como a desconstrução de estereótipos de beleza.

Botero retratou uma versão mais rechonchuda (Figura 5), em que seu pescoço é esmagado entre a cabeça e o corpo volumoso. As características desse trabalho revelam um forte exercício de engajamento social, que se pauta na desnaturalização de único ideal de beleza feminino e na valorização de outros biotipos corporais, questões de grande importância em dias hodiernos.

Por último, discorreremos sobre a "Mônica Lisa" (1989), de Maurício de Sousa (1935-), um trabalho que relaciona bom-senso de ludicidade às problemáticas sociais. Em contato com "Mônica Lisa" (Figura 6), qualquer observador sabe que o cartunista realizou uma releitura atualizada da Mona Lisa de da Vinci.



Figura 5: Mona Lisa, Fernando Botero, 1978. Museu Botero. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Botero>. Acesso em: 16 jul. 2023. Estilização da Mona Lisa que mantém a mesma pose e os mesmos tons da pintura original, mas com cabeça arredondada praticamente do mesmo tamanho do corpo e traços simplificados. No rosto, os olhos, nariz e boca aparecem muito centralizados e diminutos em proporção com a cabeça.



Figura 06: Mônica Lisa, Maurício de Sousa, 1989. Acervo Pessoal do artista. Disponível em: <<https://abra.com.br/artigos/historias-em-quadros-ensinando-arte-com-a-turma-da-monica/>>. Acesso em: 16 jul. 2023. Estilização da Mona Lisa com cores vivas e cartunescas e cabeça da personagem Mônica no lugar da original.

Na obra, Mônica foi retratada em um cenário semelhante ao de Gioconda. No entanto, o cartunista, intencionalmente, utilizou-se de tons azulados e amarelos ao fundo, possibilitando a ideia de dia, vibração e clareza. Para

intensificar a ideia de profundidade, ele utilizou tons terrosos para sinalizar a estrada e tonalidades escuras para as superfícies rochosas. Isso contribui para que seu público, crianças e jovens, não foquem seu olhar apenas em Mônica, e tenham uma percepção melhor do cenário paisagístico. Outro detalhe interessante é que Sousa, para destacar o vestido de Mônica dos tons terrosos ao fundo, utiliza vermelho, buscando atribuir maior vibração a vestimenta da personagem.

Para além dos dados técnicos, é notável que “Mônica Lisa” também destoa de alguns padrões estéticos impostos. Nas narrativas dos gibis de Souza, a personagem recorrentemente é alvo de *bullying* por essas características. Entretanto, no desfecho das histórias em quadrinhos do cartunista, sempre há uma mensagem visando conscientizar o público leitor da importância do respeito à diversidade.

As figuras de Botero e Maurício de Sousa são as que mais se distanciam das características apresentadas na Gioconda de Leonardo da Vinci. Isso ocorre porque Botero e Sousa abordam em suas figuras características da diversidade estética feminina, presentes em seus países. Desse modo, a atualização de suas leituras de Mona Lisa, os artistas rompem com os ideais de beleza cultivadas no Renascimento.

Considerações finais

Como apresentado e debatido, o historicismo vai além de uma definição única ou um conceito pré-estabelecido. São doutrinas que contribuem para uma reflexão acerca da ideia de que há muitas maneiras de compreender as produções humanas, como as artes visuais, a literatura, o cinema, a música, o teatro, etc., a partir da história como princípio explicativo. Embasado nisso, realizamos um estudo calcado no historicismo, tendo como principal base a leitura a obra Mona Lisa, de Leonardo da Vinci. A pintura davinciana serviu de grande inspiração para muitos artistas de períodos artísticos distintos e de

base para criação de muitas versões ou leituras atualizadas.

Seria uma experiência indescritível analisar um grupo de obras maior. No entanto, em função de nosso objetivo de sintetizar algumas ideias e realizar algumas provocações reflexivas, optamos por trabalhar com um grupo pequeno de cinco versões produzidas por artistas modernos e contemporâneos.

Vale ressaltar que o historicismo pode ser entendido como uma perspectiva filosófica que objetiva colocar a história como um princípio da conduta, valores e dos elementos constitutivos das artes, filosofia, religião e da cultura humana. Embasado nessa perspectiva, o presente texto buscou mostrar, a partir da interpretação artística, o caráter mutável da obra de arte. Por esse motivo, acreditamos que este artigo tenha alcançado o nível de reflexão pretendido pelo historicismo.

Nossas análises e reflexões acerca das obras de arte estudadas se embasaram na ideia de que as configurações do mundo são resultado de um processo histórico. Por isso, tudo é passível de reconstrução mental e de novas leituras. Como mostrado, as versões modernas e contemporâneas de Mona Lisa de da Vinci se constituem como leituras atualizadas e próprias do seu tempo e contexto histórico, social e político.

Referências

AGRA, Lucio. **História da Arte do século XX: ideias e movimentos**. São Paulo: Morumbi, 2004.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: LP&M, 2019.

CARVALHO, Augusto; MENDES, Breno; RAMALHO, Walderez. As origens existenciais da história. In: Augusto de Carvalho; Breno Mendes; Walderez Ramalho (Org). **Sete ensaios sobre História e Existência**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. p.11-20.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREELAND, Cynthia. **Teoria da Arte: uma breve introdução**. Porto Alegre: LP&M, 2019.

GOMBHICH, Ernest Hans. *A História da Arte*. Rio de Janeiro. LTC, 2013.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ISER, Wolfgang. **O Ato da Leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MOLES, Abraham. **O Cartaz**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SCHWANITZ, Dietrich. **Cultura Geral**: tudo o que se deve saber. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

STRICKLAND, Carol. **Arte Comentada**: da pré-história ao pós-moderno. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

TASSIS, Tomaz. **Algumas considerações sobre a possibilidade de uma filosofia da história anti-historicista**. In: Augusto de Carvalho; Breno Mendes; Walderez Ramalho (Org). **Sete ensaios sobre História e Existência**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. p.111-119.

Recebido em: 17 de outubro de 2023.

Publicado em: 29 de dezembro de 2023.